

# CREPUSCULO

ORGAM LITTERARIO E NOTICIOSO

COLLABORADORES DIVERSOS

ASSIGNATURA POR MEZ 500 RS.

Pagamento adiantado

Publicação semanal

Desterro,—Terça-feira 1º de Novembro de 1887

REDACÇÃO

A rua de João Pinto n. 43

## A instrução

### II

Em o nosso primeiro, artigo, crêmos ter salientemente demonstrado que o progresso de alguns paizes era devido à instrução dos povos.

Occupar-nos emos agora, ainda que a ligeiros traços, da instrução publica desta provincia, em que nascemos, e tãe chara nos é.

A marcha da instrução publica na provincia, longa e de inspirar-nos satisfação, é desanimadora em extremo. Muitas são as causas que para isto concorrem, das quaes apontaremos perfunctoriamente, apenas algumas, e são: 1ª Falta de inspecção frequente e rigorosa nas escolas. Quem ha de exercel-a? O digno inspector geral, sobre cujos hombros peza o desempenho de suas varias obrigações?

Quando muito, poderá S. Revma. exercel-a nas escolas desta cidade, e crêmos que o faz.

Os seus delegados nas localidades? Seria irrisorio esperal-o, por que esses, salvo raras excepções, ou são quasi analphabetos, tanto que recorrem aos professores para escreverem seus officios e attestados, que assignam quasi que—de cruz,—ou são impossibilitados por suas occupações particulares, que não devem ser preteridas por outras não retribuidas. Nestas condições taes delegados, tornados dependentes dos professores, vendam os olhos a todas as suas faltas.

2ª Falta de dedicação e de vocação, senão tambem de instrução de professores. O professor é tanto melhor se sabe alguma cousa mais do que o que tem de ensinar. E' factoe este tão conhecido, que dispensa qualquer

esforço para demonstral-o. Será licito esperar dedicação, e, sobretudo, vocação em homens, que não tendo em o que se occupem, ou quem os queira occupar, nem mesmo tendo a necessaria instrução, consideram o professorado o seu *refugium peccatorum*?

3ª Instabilidade dos professores em suas cadeiras Este mal, grande mal na verdade, é devido a uma lei iniqua. Embora não seja o professor politico, embora seja cumpridor de seus deveres, si a politica o julga *inconveniente*, promove-lhe uma remoção.....

Em epochas eleitoraes, então, é um—Deus nos acuda!—Os corypheos politicos vão a elle, levando duas grandes malas, uma cheia de seductoras promessas, outra transbordando de ameaças, tudo em nome de auctoridade elevada, que, sejamos justos, não o authorisou, nem disso cogitou, de cujo nome se abusa sem consciencia; e, com geito, conseguem a realisação das ameaças, dizendo *cobras e lagartos* do pobre professor, que é surpreendido por uma remoção injusta e sempre onerosa...

Fôra preciso que essa autoridade fosse um Christo para enxotar do seu templo esses mercadores politicos, e dizer a esses satanazes—*Ite retro!* Mas a autoridade é—homem—como homem, sujeito ao *humanum est errare*, o que não faz propositalmente.—

4ª Retribuição mesquinha. E' certo que quando um individuo pede um logar, sabe que a sua retribuição é pequena; mas é certo tambem que se ella fosse avantajada, seriam providos professores mais aptos, do que esses a que já nos referimos.

As causas que apontámos são mais ou menos remediaveis, e é nos grato

crer que o Exm. presidente da provincia, dedicado, como se tem manifestado, em promover o bem da provincia, e trabalhador, como é em em consciencia ninguem negará, ha de empregar todos os seus recursos para que a nossa instrução pare no declive em que infelizmente vai de rojo, e progrida.

Assim tambem concorra para este effeito a educação domestica que sendo, nestes tempos, demasiado carinhosa, torna a juventude rebelde aos estudos e aos mestres.—

Terminamos declarando que não esteve em nosso proposito offender a pessoa alguma: dicémos a verdade pura, e a nossa consciencia está tranquilla.—

## Pelos escravos

Ao veneravel Coronel Antonio José da Silva

Se todos como vós, assim heroicamente jorrassem sobre o povo a luz da liberdade, em breve, toda a escrava e soffredôja gente sabiria a cantar o hymno da Igualdade!

Felizes os que vão por esse trilho á fóra, onde a myrrha do Bem nos corações trescála; benditos os que as mãos abrem para a senzala, levando aquella tréva—um óbulo de aurora!

Eu que fito de perto os impetos dos povos que querem escalar ás portas do Futuro, acompanho o esplendor dos horisontes novos e vou seguindo o claro-avassalando o escuro!

Por isso sempre n'alma eu tenho um grande—  
Bravo!  
aquelle que segair da Luz ao templo aberto, fazendo do infeliz e desgraçado escravo um homem bom e honesto, um cidadão liberto!

CARLOS DE FARIA.

Laguna, 24 de Agosto de 87.

INCOMPATIBILIDADES

Tens a «leo na sala de visitas  
Os austeros perfis dos teus parentes,  
E disseste-me um dia até que os sentos  
Orgulhosos sorrir, se acaso os fitas.

Descendes de D. Fuas, ou não sei  
Que portuguez illustre é que tu dizes,  
Que defendeu em tempos mais felizes  
Com denodo fidalgo o reino e o rei.

Tua mãe nunca perde occasião.  
De me dizer que nos saraus da côrte  
Os rapazes gentis de melhor porte  
Te fazem a galante distincção

De se curvarem logo que tu passas,  
Disputando em seguida a primazia  
Na tua carteirinha luzidia,  
Que os inscreve segundo as suas raças,

E teu pai, se me falla, nunca falla  
Senão em pergaminhos, em fidalgos,  
Nas ligeiras matilhas dos seus galgos,  
No conde, na duqueza, na marechala;

Em summa nas distinctas relações  
Do seu nobre solar, abraçonado,  
Que é um grande cachimbo requemado  
Das fumaças de muitas gerações.

Nos jardins, nos theatros, nas igrejas  
Acompanham-te uns comicos galans  
Dizendo te umas phrases tolas, vans,  
E enchendo-se de estupidas invejas,

Se os teus olhos, travessas mariposas,  
Em mim se vem fitar, como n'um fructo,  
E eu que os desprezo e ás vezes que os desfructo  
Sondando-lhes as almas tenebrosas,

Sinto-me triste, e triste, porque sou  
Um pária social, talvez o neto  
D'algum sêr desprezado, pobre e abejeto,  
Que as botas engrachava a teu avô.

Portanto já tu vês que não podemos  
Unir-nos no futuro (idéa negra !);  
E' esta uma excepção áquella regra  
De sempre se tocarem os extremos.

Eu continuo a ser um sonbador  
Que te pede em profunda reverencia,  
Ao dar-te humilde, a mais altiva excellencia,  
O teu fulgido olhar, como um favor;

E tu, a fina solarenga austera,  
Irás talvez em breve desfolhar  
A grinalda da tua primavera  
Nos braços imbecis d'um titular !

MACEDO PAPANÇA

AO ESCRITOR DA DESCRIÇÃO DA FESTA  
DE SANTO ANTONIO  
O Sr. Carlos Augusto Caminha

Não tencionava descer da minha  
dignidade, para entrar em debates  
com o articulista da referida descri-  
pção. Mas como porêmo arrojado escri-  
ptor não trepitou em envolver-me na  
sua fanhosa critica, vou dar-lhe a ca-  
bal resposta em duas palavras: Sci-  
ente estou que o publico sensato deve  
ser conhecedor das façanhas do tal  
Cately, saberá dar o devido mereci-  
mento ao alludido e julgar-me-ha co-  
mo fôr de justiça. Nos divertimentos  
familiares onde me tenho achado,  
(porque só procuro diversões honestas)  
sempre procurei não só granjear a  
sympathia de todos, como tambem  
manter-me na altura da minha hu-  
milde individualidade; ao passo que o  
articulista só tem sido encontrado uma  
diversões de... que entregam o seu  
corpo ao mundo!

Agora julgue o publico a posição  
social e honesta, de ambos.

José Alves da Silva.

Desterro, 27 de Outubro de 1887.

AVISO AOS LAVRADORES

A immigração tem constituído últi-  
mamente uma das mais torpes especu-  
lações em nosso paiz. Constantemente  
os jornaes noticiam viagens ao inte-  
rior de individuos, que *propõem a or-  
ganisar empresas a introdução de tra-  
balhadores agricolas.*

Antes de tudo coavem attender que  
estes individuos não conhecem as ne-  
cessidades da lavoura e desconhecem  
as exigencias do trabalho e a lei que  
dirige este agente da producção. Lo-  
grando obter cartas de recommen-  
dações, tão facéis de se dar em nosso  
paiz, internam-se pelas provincias e,  
mediante promessas dos fazendeiros,  
voltam e conseguem aqui qualquer  
contracto com alguma companhia de  
vapores. Com este contracto obtêm  
rebitamento das passagens, que são  
pagas pelo governo, por meio de re-  
querimento que os celebres especula-  
dores fazem acompanhar de attestados  
dos fazendeiros, declarando acharem-  
se nas suas terras localisados os immi-  
grantes de que trata aquelle requeri-  
mento.

Lucrando neste negocio, os taes  
introduutores exploram em seu benefi-  
cio um favor concedido pela lei direta-  
mente á immigração e á lavoura, e  
exploram esta obtendo do fazendeiro a  
capitação estipulada por cada immi-

grante que introduzir. De todas estas torpes especulações resulta ainda que os trabalhadores no fim de certo tempo abandonam a propriedade, allegando terem sido enganados, e vão para as capitães e centros populosos, onde se empregam no commercio e nas pequenas industrias. Com certeza não é destes colonos que precisa a lavoura. E isto só serve para desacreditar o paiz e impedir a organização de empresas serias, que formem capitães para comprar terras e colonisá-las.

Não tendo outro interesse a não ser o de prestar serviços ao nosso paiz, avisamos aos proprietarios agricolas, para que se acutellem contra estes exploradores que mandam alliciar, na Europa, homens sem profissão, iludindo-os com falsas promessas, e aqui os entregam como trabalhadores agricolas, explorando ao mesmo tempo a ignorancia dos imigrantes e a boa fé dos fazendeiros.

Não são destes agentes que precisamos. O que nos convem são empresas vastadas nos moldes da *Empresa de Paquequer, dos Burgos Agricolas e da Empresa Geral de Imigração—Evolução Agricola*, que se acham em organização nesta praça. Estas empresas, que promettem vantajosos resultados, serão, por sua vez, tambem prejudicadas com a alliciação que fazem nos centros de imigração europea os famosos *introduutores de trabalhadores agricolas*.

Cuidado com estes perigosos amigos da lavoura! Quando elles forem offerer braços será bom dizer-lhes que quem não tem cabeça não poderá dar braços, pois semelhante gente não póde inspirar nem merecer a minima confiança.

Quando os Srs. fazendeiros precisarem de trabalhadores para as suas lavouras, não sirvam-se de taes intermediarios. Ha outros meios mais facteis, menos dispendiosos e mais seguros.

Sobre este assumpto publicaremos depois minuciosas informações.

**A noiva**

A noiva passa rindo  
De rosas corôadas,  
Como um botão surgindo  
A' luz da madrugada.

Na fronte immaculada  
O véo lhe desce lindo  
E a brisa enamorada  
Lhe furta um beijo infindo.

Ante o altar se inclina  
A noiva, e purpurina,  
Murmura a mêdo:—sim

Agora é noite: a luz  
No céu azul fluctúa,  
E o noivo diz:—enfim !...

GONÇALVES CRESPO

**A' vol de Noisenu**

A NOIVA

Ao Sr. José Leopoldino V. Cabral.

A manhã era esplendida !  
O céu, como um poema mysterioso  
de encantos era a pagina mais dilecta  
da nossa vida, sim a pagina onde a  
natureza é o auge da phantasia.

As nuvens memorizando o céu de  
esplendores, tomavam differentes cô-  
rres.

O mar profundo e enorme trazia a  
praia ondas tão lindas, cujas espumas  
alvejantes, pareciam um bando de gai-  
votas pelo espaço a fóra,

Uma aragem fresca e livre dava  
um aspecto alimentador e mirifico ás  
flores, uma fortificação particular ás  
aves, fazia a natureza rir.

As flores perfumosas, as flores bem  
galantes, produziam um murmurar  
melancholico e silencioso, e ao mesmo  
tempo, virginal e sentimentalista !

O crepusculo divino cahia *petit a  
petit*, no outro lado do céu.

E assim tão maravilhosa e odorante,  
esta manhã, era o incognito cofre  
desta minh'alma, onde eu guardava  
um ideal poema !

II

Como eu te via !

Trajavas o teu vestidinho um pouco  
amarelado e um collar feito de dul-  
cissimas beijos, ornava o teu cabelo  
loiro, loiro e tão loiro, ora deixes que  
eu te diga:—*como um leãozinho que  
acaba de nascer*.

Quando em via-te, assim e' uma phi-  
sionomia apaixonada e seria, quando  
eu fitava-te assim formosa, pensava  
estar fitando alguma santa, no seu al-  
tar illuminado, cheio de flores !

Os teus cabellos, prestavam-se per-  
feitamente a duas lindas tranças, que  
ao cahirem pelos teus hombriinhos pa-  
reciam duas estrophes em miniatura !

O CÉO

São duas castas primaveras !

O POETA

Corôadas de madrigaes,  
(Uma noz occulta)

E noiva, como a natureza foi justa  
e boa, em te fazer tão liuda !

A NOIVA

Eu não sou linda.....

AS NUVENS AZULADAS

E não é linda.... e de que te servem  
estes gentis cabellos que te ornão o  
corpo, estas singelas faces, esses teus  
olhos azues como duas primaveras vio-  
letas, os teus labios vermelhos, que te  
dão uma belleza sympathica, as tuas  
sombancelhas lusidias ? dizei-me se  
acaso possuindo a natureza, tanta  
bondade em te fazer tão bella, erraria ?

A BELLEZA SORRINDO

Certamente que não.

UMA ANDORINHA VOANDO

E tu se acaso tens panna desta tua  
belleza, deixa esta vida de flores, e  
vôa, vôa para o ar !

A NOIVA

Si eu assim fizesse....

A BRISA MERENCOREA

O que tinha ?

A NOIVA

Seria talvez uma louca, talvez, si  
eu tivesse desgosto desta vida perfu-  
mante.

O POETA CÔNTEnte

Sim. Nesta vida em que só vives a  
olhar para o poeta, em que só vives a  
sonhar em amores, em lyrios entre-  
abertos para aperfeiçoares os vasos da  
tua sala e para ornares o teu ataúde  
aromatico.

A MANHÃ

Incontestavelmente, Noiva, é a flor  
mais cheirosa dos jardins dos amores.

A BRISA, cantando alegre, cantando

E.....

Si acaso, Noiva amanhã fosse destas  
apotheoses, que instigadas pela forti-

dão enorme do amor, se derigisse á igreja com o poeta ao lado, o que não diria o mundo ?!

UMA AVE

Provavelmente chamaria-os de dois palhaços; porque, Noiva si bem que tenha as suas onze primaveras, mas que ainda não sabe pensar, como cuidaria do governo da casa?

E o poeta, rapaz dos seus 16 annos e que ainda não tem um meio de vida fixo como havia sustentado-a ?

AS NUVENS, enchendo o céu de esplendores.

Com quanto ella queira já nupciar-se, entendemos que a bôda deve ser realisada quando ambos, duas juvenis creaturasinhas, tiverem um modo espontaneo de pensar, que seja já respectado, para não acontecer o que temos tido a occasião de ver com certas duquezas que entusiasticamente assim procedem.

O POETA, serio

E' verdade, a verdade é a luz.

UMA AVE, rindo

Como ella é bella !

UM ANJO, risonho

Como é bella !...

SABBAS COSTA

Desterro, Outubro—28—87

Devaneios

I

São decorridos apenas cinco mezes e o inverno se despede com um formoso sol, cujos doirados raios atravessam a athmosphera pura e serena, e são seguros precusores da esplendida primavera.

A primavera, chegou, com seus inexgotaveis thesouros de incantos e sua perfumosa coroa de vivas flores. O alto cypreste recobra sua verdura as ervas brotam por toda a parte como um manto de esmeraldas. As novas arvores cobrem-se de nova e luscida folhagem.

O amoroso vento e as doces brisas vem meigamente abrir as flores, para que os colybris e abelhas libem o nectar delicioso de seus mimosos calices.

Os passaros ao romper da aurora cantam novos amores, e a tarde recordam-se e choram seus perdidos ninhos...

Como é grata a primavera!

Os jardins já principiam a desafiar os rigores do verão, mostrando suas brancas e rosadas flores, e annunciam que após estas viram outras mais bellas e de maior duração.

II

As frescas encostas dos bosques, enroladas no tronco de gigantescas arvores, veem se as madres silvas e os tomilhos.

O encantado murmurio dos arroyos é o lamento carinhoso das ternas margaritas e das frondosas adelfas que povoam as margens do soberbo rio Araquara!

As bellas auroras que precedem os dias é como o casto rubor das donzelas. Os mysteriosos crepusculos com suas melancolicas tintas são tristes como as lagrimas derramadas sobre o corpo de um fœdo.

III

Violetas, madre-silvas e sussurros, en vos saúdo com immensa alegria.

O coração regosija-se de vel-as florescer, com o mesmo jubilo como que torna-se aos braços da mulher amada depois de longa ausencia.

Savenio Junior

Desterro, 28 de Outubro de 1887

Acrostico

Pretender caro amigo,  
impedir esta vontade,  
eria forte castigo.  
minha lealdade;  
dissimular eu não pôsso,  
alma e vida, é tudo vósso.

Desterro 25 de Outubro de 1887

CHARADAS NOVISSIMAS

- 1-2-1—Esta letra e este astro tem pena do maluco.
- 1-2—Aleo o juizo é apellido.
- 2-2—Esta fileira de rezes é bem humida.
- 1-3—Esta letra e esta mulher é flor.
- 1-3—No commercio e na porta combata.
- 1-2—Na musica este engodo sciutilia.

2-2—Não é verdadeira e estava alegre esta impostora.

2-2—Esta fructa e esta provincia é arvore.

4-1-2—Este massacre é fôfô, é do navio e são canonizados.

NOTICIARIO

VISITA

Recebemos A Lapa, nº 2, e anno I, que se publica na cidade da Lapa, provincia do Paraná, sob a redacção do Sr. Francisco de Paula Guimarães, que segundo nos dizem, é um professor illustrado e sisudo.

A Lapa é um organ quinzenal, porem seus escriptos com muita correcção de estylo, são bem dignos de apreciação.

Saudamos o novo collega, desejando-lhe uma vida longa e cheia de primaveras!

Agradecendo-lhe portanto, perennitorem.

O Lageano da cidade de Lages, desta provincia, de pequeno formato, porem muito bem escripto e redigido. Ao collega agradecemos e enviaremos sempre em troca o nosso humilde organ.

AVISOS

Por motivos justos, deixou de eshantem destribuida a nossa folha.

Por isso pedimos desculpa aos Srs assignantes.

Por falta de espaço, deixámos de publicar a poesia DE-CRENÇA do illustrado Sr... que por modestia assignou-se *Li cínio*, prometendo-lhe porém, que no proximo numero publica-la-hemos.

Principiámos do dia 24 em diante, a cobrar as assignaturas correspondentes ao passado mez. Pedimos aos Srs. assignantes, o obsequio de nol-as satisfazerem